

Sinônimo, para muitos, de lazer e diversão, o turismo é uma atividade econômica e social muito comentada na atualidade. Não só no que se refere à atividade em si, mas por sua inserção em nosso cotidiano. Passar um tempo longe de uma rotina estafante para “aproveitar o que a vida tem de melhor”, não só em termos de evasão como de ócio, passa a ser um objetivo buscado por grande parte da população mundial.

No senso comum o turismo refere-se ao ato de viajar, por prazer, para novas localidades em sua maioria prontas para receber o hóspede. Contudo, por trás desta atividade há toda uma complexidade de redes sociais, econômicas, culturais, ambientais, entre outras. Como afirma Ouriques (2005):

O turismo, que a princípio vive da apropriação do estético, isto é, do conhecimento sensível, fundamenta-se, como qualquer atividade econômica capitalista, na exploração da força de trabalho por parte do capital. Contudo, talvez mais do que qualquer outro setor, parece estar totalmente desvinculado dessa relação social. (Ouriques, 2005: 49).

Uma vez que o turismo apresenta, como matéria-prima, o que o referido autor denomina de mercadoria-paisagem, o visitante e demais expectadores entendem que a atividade encerra-se em si mesma, quando, na realidade, é repleta de redes e implicações diferenciadas que apontam a sua complexidade.

Além de simbolizar o prazer, o turismo também possui outra qualificação com a qual é muito correlacionado, ele é visto, principalmente no discurso público, como um gerador de emprego e renda. No Brasil, percebemos, no discurso de vários documentos, a idéia da

* Bacharel em Turismo; Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Bolsista PIBIC/UFPB/CNPQ.

“salvação” de um município, estado ou mesmo do país através da movimentação turística¹. E, ainda, este “turismo salvador” é acionado exclusivamente pela riqueza de belezas do local, com a mínima preocupação de instalação de equipamentos, para não enumerar vários outros problemas, como a capacitação e a participação da população local na atividade. O que acaba por comprometer a atividade a ser instalada na localidade.

Para discutirmos a complexidade da inserção e do significado da atividade turística no mundo contemporâneo, julgamos adequado traçar uma breve apresentação das formas como a mesma tem sido concebida, desde que, pela primeira vez, em 1911, o economista austríaco Hermann zu Schattenhofen a definiu como: “Turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada e, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (apud Barreto, 1995: 9).

Seguindo-se a esta definição, várias outras surgiram, geralmente abordando o turismo de maneira facetada e incompleta, limitando-o principalmente através de demarcações temporais, motivacionais e referentes à distância (deslocamento). O lado priorizado em tais definições era, em sua maioria, o econômico. Em 1994, a OMT (Organização Mundial do Turismo) definiu a atividade de maneira mais abrangente, mas ainda limitada: “O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros” (OMT, 2001: 3).

Mesmo com o limite pré-fixado, principalmente em relação ao tempo, é necessária uma definição formal para que a atividade turística seja contabilizada através de números e, assim, estudada por, entre outros, instituições, organizações internacionais e nacionais, principalmente

¹ Para maiores informações ver: PONTES, A. M. L.; DIAS, A. ; NOBREGA, L. ; PINHEIRO, L. L. . *O Pensamento Desenvolvimentista da População Brasileira relacionado com as ações do Estado*. In: Anais Encontro Nacional de Turismo com Base Local: Turismo, Inclusão Social e Sustentabilidade. Recife, PE: 2005.

para dados relativos a investimentos, transações comerciais, e vários outros. Para isto, esta definição obtém sucesso.

A WWF (World Wildlife Fund) afirma que “várias definições vêm sendo usadas para entender o turismo e todas podem ser aceitas. O que se tem em comum entre especialistas é que o turismo possui uma grande importância sócio-econômica no mundo atual” (2003: 36). Ainda segundo a WWF, no Brasil, o turismo deve ser visto como um fator de desenvolvimento local, com a disponibilidade de pelo menos cinco elementos na destinação, que formam o que a mesma denomina de “atmosfera turística”, são eles: atrativos, serviços, infra-estrutura, comunidades e turistas. Os principais envolvidos e responsáveis para o sucesso do turismo são: os moradores locais, os proprietários (iniciativa privada) e o governo local.

Contudo, ainda há um problema na definição de turismo para que este possa ser estudado em toda sua complexidade. E esse problema é justamente referente às suas limitações. A OMT coloca que a falta de uma definição clara de turismo ocorre devido ao seu caráter multidisciplinar, já que este recorre a várias disciplinas e setores econômicos (2001: 35). A sua complexidade deve ser sempre priorizada porque, caso isso não ocorra, a mesma entraria em choque com o próprio planejamento da atividade, que necessita de variadas interpretações de uma mesma realidade para ser corretamente exercido. Por isso, é válido afirmar que o turismo numa localidade deve ser planejado a partir do diálogo entre entidades e atores diferenciados, a fim de abordar o máximo de implicações decorrentes da atividade em questão.

Previamente ao capitalismo, há registros de viagens esparsas e de motivações diferenciadas, mas com destaque às conquistas, às batalhas e à aventura. Contudo, o turismo enquanto atividade econômica e presente na sociedade surge durante o modo de produção ainda em vigência.

Fatores essenciais para a constante mudança na disposição do turismo são as tecnologias e as mudanças socioeconômicas que vão, aos poucos, contribuindo para o aumento no volume de viagens e/ou mudanças na atividade. Por isso, um marco importante no seu desenvolvimento, além do surgimento do capitalismo, é o pós Segunda Guerra Mundial, que proporcionou uma revolução tecnológica em transportes e, ainda por cima, presenciou a conquista de vários direitos trabalhistas, como as férias pagas. Isso permitiu uma difusão do turismo que teve sua produção expandida à maneira fordista, em massa e homogênea, com um viés mais destinado à diversão e à evasão.

Atualmente, o tempo livre, situado no contexto capitalista, torna-se, também, tempo de trabalho e de consumo. Tempo de trabalho porque, ao descansar, o funcionário está trabalhando seu potencial criativo e, desta maneira, “qualificando-se” para quando voltar ao trabalho. E, tempo de consumo porque implica em gastos. Por isso, Ouriques nomeia o tempo livre de “tempo de capital” (2005: 28-40). Sobre essa expansão do turismo com a sociedade capitalista, Ouriques comenta:

... a extraordinária expansão do turismo no século XX não pode ser desvinculada do controle capitalista do tempo e de sua correlata expansão mercantil, apesar de uma tão difundida argumentação que o coloca como resultado do “progresso humano e social”. (Ouriques, 2005: 39-40)

Molina (2003) classifica o turismo através de diferentes etapas, do século XVII até os dias atuais, mesmo que estas ainda coexistam. São elas: pré-turismo, turismo industrial e pós-turismo.

O pré-turismo ocorreu principalmente entre os séculos XVII e XVIII e tem, como principal componente, o *Grand Tour*. Este último, de acordo com Molina, baseava-se “em viagens realizadas pelos filhos mais velhos de famílias nobres e de ricos comerciantes, com a

finalidade de melhorar sua educação e de estabelecer contatos diplomáticos e de negócios nas mais importantes cidades da Europa...” (2003: 22).

A segunda etapa, denominada Turismo Industrial, é subdividida em: turismo industrial primitivo, maduro e pós-industrial. O Turismo Industrial Primitivo teve, como seu principal período, o século XIX até a Segunda Guerra Mundial e caracterizou-se pelo surgimento de vários tipos de empresas, equipamentos e, entre outros, organizações referentes ao turismo. Este período mostra a emergência de vários equipamentos e facilidades, como hotéis urbanos, transporte terrestre, escritórios governamentais, entre outros. Esta fase também marca o início do turismo na América Latina e a introdução de práticas científicas para a gestão da atividade (2003: 23).

O Turismo Industrial Maduro é marcado pelo aumento considerável no número de turistas internacionais e do turismo interno, principalmente a partir da década de 1950, sendo o principal tipo aquele conhecido como “turismo de sol e mar”. A massificação do turismo é outra marca deste período, no qual, segundo o autor é possível identificar a perda de identidades locais frente a esta atividade. O mesmo questiona se um turismo de massa, praticado por pessoas que queriam o mesmo que havia em seus países, teria condições de conservar as identidades locais. É nesta etapa que o turismo se consolida como uma indústria que tem, como princípios, a uniformização, a centralização e a maximização (2003: 24-25). Princípios estes ligados a uma tendência mundial identificada com o fordismo.

Em meados da década de 1980 emerge o Turismo Industrial Pós-Industrial que se destaca por ser estruturado a partir de movimentos sociais e culturais, e em que são percebidos uma maior segmentação dos mercados e um aprimoramento da oferta turística. A partir dos anos 1980 nota-se o aumento de várias discussões sobre o meio-ambiente, entre outros, direcionados principalmente à preservação de recursos naturais, o que faz emergir também um debate acerca da sustentabilidade no turismo. A introdução da discussão sobre o patrimônio imaterial também

contribui para uma maior visualização das manifestações culturais. Neste caso, já se percebe um avanço frente à preservação da oferta turística, principalmente no que se refere aos atrativos naturais e culturais. E é isto que será o fator primordial para competição nos mercados pós-turísticos: o tecnológico *versus* o autêntico.

O pós-turismo tem, como principal característica, o uso da tecnologia que proporciona a simulação de ambientes, como os parques temáticos, que atingem alto grau de visitação atualmente e tendem a crescer ainda mais. Afinal, para estes, não há alta e baixa temporada, além de que, segundo o próprio Molina, há “o surgimento de formas diferentes e conteúdos próprios de um paradigma emergente que amplia de maneira notável o espectro tipológico dos produtos no mercado” (2003: 31). Assim, os parques temáticos recriam diversos e novos tipos de ambiente dispostos a qualquer época do ano para o turista com uma alta qualidade no atendimento.

Um outro ponto importante do pós-turismo é que o mesmo vem tratar produtos e serviços enquanto “experiências” e, por isso, há a alta qualificação da mão-de-obra e produção destes últimos. Este fenômeno não é perceptível apenas no turismo, mas em todo um *marketing* de consumo de produtos que proporcionam mais do que necessidades básicas, como também diferentes sensações e vivências.

Em contrapartida aos produtos *fabricados* do pós-turismo, mas aliado a esta questão da experiência turística, aparece a vinculação do turismo ao patrimônio histórico-cultural, importante principalmente em países de Terceiro Mundo, que não possuem capitais ou tecnologias suficientes para a instalação de parques temáticos grandiosos (que muitas vezes podem ser, também, seriamente prejudiciais às comunidades locais).

O melhor investimento seria, assim, na autenticidade e diversidade cultural que a América Latina tanto dispõe. Isto foi discutido no encontro *Turismo Cultural en América Latina y Caribe*, em Havana, Cuba, ocorrido em 1996, no qual concordou-se que o turismo cultural é

... conveniente para a América Latina: tanto em razão da amplitude, riqueza e diversidade do acervo patrimonial da região, quanto pelos valores de hospitalidade reconhecidamente cultivados pela comunidade latino-americana; e, paralelamente pelo retorno que propicia. (Azevedo, 2002: 156)

Este encontro também indicou pontos a serem priorizados no turismo cultural, como capacitação de recursos humanos para gestão e valorização do patrimônio, entre outros. A América Latina é claramente um poço cultural que pode ser explorado turisticamente, como em várias destinações já acontece². Caso a América Latina, assim como vários outros locais predominantemente de Terceiro Mundo, ainda pretenda investir no turismo como um fator de desenvolvimento, precisa fazer crescer a participação da população local através da cidadania e priorizar o desenvolvimento a nível local. Vários tipos de turismo, atualmente, preconizam a inserção da comunidade, como o ecoturismo e o turismo cultural. Neste trabalho, falaremos do turismo cultural.

O turismo cultural obtém destaque uma vez que é aquele que se referencia à cultura (material ou imaterial) e à história de uma dada localidade. Um dos principais pontos do turismo cultural é a visita ao patrimônio histórico-cultural, representado através de monumentos histórico-culturais, manifestações artísticas, museus, centros históricos, entre outros meios de valoração material ou imaterial.

² Contudo, é preciso analisar criticamente o contexto em que a mesma se edificou, pois, como Molina (2001) demonstrou, essa estruturação ocorreu conforme o modelo dependente latino-americano, como um meio de obtenção de crescimento econômico, já que o mesmo poderia cumprir o papel de confirmar a eficiência administrativa dos governos. E, por isso, a busca pelo desenvolvimento, de fato, não ocorreu, já que este exigiria um esforço e duração maior. Este modelo de “desenvolvimento”, então, baseou-se na formação de pólos em que as multinacionais eram mais presentes (e geralmente com isenção fiscal), enquanto a comunidade local rumava para a periferia, espacial e financeiramente, até porque os *empregos* tão quistos pelos governantes eram cargos de baixa qualificação. Assim, segundo esse autor, o turismo na América Latina contribuiu para reforçar a posição dependente da mesma perante os países desenvolvidos porque o modelo adotado para o seu desenvolvimento favoreceu que as empresas dos países dominantes expandissem seus territórios e consolidassem, ainda mais, a sua hegemonia.

Azevedo (2002) baseia-se em Lefebvre para demonstrar que a consolidação do turismo cultural desde a década de 1980 foi ocasionada devido ao aumento dos bens de consumo culturais nas residências, como a televisão a cabo, a internet, entre outros. Ampliou-se o que ele denomina “galáxia do lazer”, ou seja, a enorme gama de atividades que o turismo pode proporcionar.

A visitação ao patrimônio histórico-cultural é uma delas, mas necessita de muita pesquisa, até porque trabalha com monumentos que possuem diferenciadas simbologias e significações para sua sociedade e que, sem um planejamento de qualidade, podem ser altamente prejudicados. Mesmo sob a denominação de cultural, o turismo que tem por foco o patrimônio histórico-cultural pode ser bastante prejudicial, afinal, ele trabalha com a cultura local e a implantação/expansão da atividade sem um planejamento prévio pode comprometer, em muito, o bem estar social da comunidade, além de atingir sua memória e cultura.

A fim de atrair mais pessoas e, conseqüentemente, lucrar mais com isto, vários gestores (privados ou públicos) priorizam o aspecto econômico do patrimônio e o tratam como um produto, simplificando sua influência na sociedade. Conforme Choay explica: “... os monumentos e o patrimônio histórico adquiriram uma dupla função – obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos” (2001: 211). Este tratamento do patrimônio pode não apenas comprometer sua exposição ao visitante, como também prejudicar sua relação/função perante a sociedade ao qual pertence.

Ainda, Choay (2001) exemplifica sua colocação com os casos de cidades como Potsdam e Praga, nas quais a utilização de monumentos por uma atividade econômica, por exemplo, excluiu a população e, conseqüentemente, todo um *modus vivendi* relativo à mesma. E esta supressão é algo para o qual os órgãos responsáveis pelo uso do patrimônio devem atentar, afinal, pode proporcionar a destruição não só física, mas, também, cultural do bem. Física porque a população

despreocupada com o patrimônio do qual foi despojada não se preocupa mais em preservá-lo e, cultural, pela perda de significação do mesmo.

Dentro de um contexto atual, em que os monumentos são utilizados também para lucrar, o turismo é uma das possibilidades mais tangíveis de re-utilização dos monumentos históricos. Claro, existem outras possibilidades, como a utilização enquanto prédio comercial, moradia, museu, entre outros. No Brasil, a junção entre turismo e patrimônio histórico-cultural é bem vista pelo poder público, que o coloca como uma importante forma de preservar os monumentos. Nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, ocorreram o I e o II Encontro de Governadores para a Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural, mais conhecidos como Compromisso de Brasília e Compromisso de Salvador, respectivamente. Estes eventos são marcos para a discussão pública no Brasil do turismo aliado ao patrimônio histórico-cultural, com a intenção de geração de emprego e renda, além da preservação do patrimônio histórico-cultural através da atividade em questão. Ainda hoje o turismo é visto como uma das soluções mais plausíveis para o re-uso de monumentos históricos, principalmente os edificados.

Uma vez que o turismo dirigido ao patrimônio cultural, encontra-se muito em alta na atualidade, já se pode perceber algumas conseqüências de tal fenômeno. Variadas localidades tomaram a iniciativa de passar a trabalhar sua história como atrativo e, além disto, dispor à visita sua própria cultura. Muitos autores indicam este como um ótimo fator de emergência da identidade local e mantenedor de seu patrimônio histórico-cultural, seja este edificado ou não. Contudo, Ouriques comenta:

Em várias partes do planeta, comunidades inteiras vêm buscando efetuar o “resgate histórico do passado”, de forma a inseri-lo no rol de atrações turísticas. Aliás, fazendo dos hábitos (artificialmente mantidos) e costumes do passado (que há muito deixaram de existir) formas de *identidade* local. (grifo do autor) (2005: 60)

Para explicar tal comentário, o autor coloca que, na atividade turística, os atrativos são potencializados como se fossem dotados intrinsecamente de uma vocação para a atividade. O que muitas vezes acarreta na ausência ou mesmo uma tímida infra-estrutura turística – essencial para o sucesso do turismo, já que o atrativo em si não garante o bem estar do visitante, como também é interessante uma estrutura de acesso, alimentação, pouso, entre outros. Além do uso indiscriminado de meios de satisfazer o visitante, incluindo-se aí o uso sem atenção aos conseqüentes impactos da cultura local. Com o turismo cultural, toda uma população e seus monumentos são mobilizados e, principalmente, por motivos de mau planejamento, correm o risco de tornarem-se simulacros, pois atrativos se adaptam ou são criados conforme o agrado do turista, que passa pouco tempo na localidade, mas tem o poder de modificá-la por completo.

Na busca exclusivamente econômica de vender o patrimônio histórico-cultural enquanto atrativo turístico, muitas de suas qualidades potenciais são excluídas ou subtraídas do todo. Por isso, é necessário um planejamento que contemple as diversas implicações que o turismo pode proporcionar na localidade, com objetivo claro de desenvolvimento do local. Desta maneira, temos uma localidade mais preparada para receber a atividade, como também competir no mercado.

Os simulacros, ao contrário do que muitos pensam, não envolvem apenas as manifestações tidas como imateriais, mas também o edificado e o arqueológico. Tombados ou não, os monumentos arqueológicos e edificados podem constituir-se enquanto pastiche de duas maneiras: através da depredação física; pela perda de valor social (de uso, valorativa, apego, etc.) por parte da comunidade local. A depredação pode ocorrer pela falta de políticas de preservação eficazes aliadas a falta de motivação por parte da comunidade para denunciá-la. Vale colocar que a própria restauração também pode descaracterizar imóveis históricos provocando uma certa

destruição do mesmo, através da deformação de elementos essenciais e/ou perda de características desconsiderados pela obra. E, por fim, uma vez que o monumento encontra-se imóvel de fato, ou seja, sem a participação de sua população e sem ligação alguma com as memórias coletivas locais, ele perde seu caráter inicial e torna-se apenas um mero espaço físico destinado à visita turística.

A complexidade do turismo cultural se destaca em relação a outras formas de turismo porque trabalha, antes de tudo, com o elemento humano, através de sua cultura e memória. A exposição destas para o visitante, uma pessoa alheia ao local e cujas informações prévias são advindas, em sua maioria, de guias de turismo, nem sempre é positiva. Até porque a apropriação econômica da atividade molda variadas necessidades. A busca do autêntico, por exemplo, pode culminar na efetivação do pastiche.

A importância da sustentabilidade (sem demagogias) é crucial neste contexto de busca pela autenticidade. Na atualidade, ela demonstra sua importância não só para a manutenção de ambientes naturais, como também para aqueles tipos como históricos e culturais.

Azevedo afirma que o turismo cultural possui dois elementos básicos: a identidade dos povos e a diversidade cultural. O caráter pedagógico deste tipo de turismo também é ressaltado pela autora, que afirma que "... o turismo cultural resulta caracterizado, em sua essência, como um processo pedagógico, pela exigência de aprendizagem de novas práticas e comportamentos, pelo intercâmbio e interação de experiências com as comunidades locais" (Azevedo, 2002: 154).

A motivação central do turismo cultural é, assim, a busca do conhecimento. A autora defende que o turismo cultural é visto como defensor da sustentabilidade por três pontos: a valorização econômica do patrimônio, o estímulo à auto-estima das comunidades locais e a continuidade das propostas em relação à atividade, mesmo com mudança política, ainda, o turismo cultural proporciona a preservação da memória histórica local, além do valor pedagógico

e econômico que o patrimônio adquire. Estes pontos podem ser alcançados com o turismo cultural numa localidade, contudo não se deve esquecer que esta atividade envolve a constante movimentação de pessoas e com elas diferentes vivências e comportamentos e, por isso, a necessidade de um planejamento para redução ao máximo dos impactos negativos ao espaço visitado e controle de tal movimentação, a fim de evitar danos irreversíveis ao patrimônio histórico-cultural local.

Num contexto para a América Latina, a aposta no turismo cultural é mais que plausível. Afinal, temos atrativos de grandeza e beleza exuberantes, junto com uma enorme efervescência cultural. Para citar alguns, temos a Pedra de Ingá, em Ingá, Paraíba, um monumento arqueológico que até hoje intriga pesquisadores de todo o globo; cidades históricas como Ouro Preto, Minas Gerais e São Luís, Maranhão, Brasil; entre vários outros. O que devemos atentar, contudo, é não apenas para seus benefícios, como também os impactos, pensando em maneiras de minimizá-lo, a fim de promover uma atividade agradável não apenas para o turista, como também para a comunidade e todos aqueles que se sentem direta ou indiretamente conectados com o a história e memória do local.

Bibliografia

AZEVEDO, Julia. Cultura, Patrimônio e Turismo. In: AZEVEDO, Julia; IRVING, Martha. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo, SP: Futura, 2002.

_____. Turismo Cultural: traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. In: AZEVEDO, Julia; IRVING, Martha. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo, SP: Futura, 2002.

BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. 10^a ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Turismo)

_____. *Turismo e legado cultural: as possibilidades de planejamento*. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Turismo)

- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo, SP: Estação Liberdade / Editora UNESP, 2001.
- COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPERD, Rebecca. *Turismo: princípios e prática*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Memória e Reflexividade na cultura ocidental. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ, Editora UFRJ; Minc – IPHAN, 2005.
- _____. Para além da Pedra e Cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.
- GONÇALVES, Regina Célia. A História e o Oceano da Memória: algumas reflexões. In: *Saeculum - Revista de História*, João Pessoa, PB: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 4/ 5, jan.-dez. 1998/ 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.
- JORGE, Vitor Oliveira. *Arqueologia, Patrimônio e Cultura*. Portugal: Instituto Piaget, 2000. (Coleção O Homem e a Cidade).
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Unicamp, 1994.
- LEVINHO, José Carlos. Kusiwa, a arte gráfica wajãpi: patrimônio cultural do Brasil. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.
- MENESES, José Newton. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.
- MOLINA, Sergio. *O Pós-turismo*. Tradução Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003.
- _____. *Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina*. Tradução Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. Interpretação do Patrimônio para Visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG; Território Brasília, 2002.
- OMT. *Introdução ao Turismo*. Direção e Redação Amparo Sancho; Tradução Dolores Martin Rodrigues Córner. São Paulo, SP: Roca, 2001.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. *Memória, História e Patrimônio Histórico: políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico*. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2002 (Dissertação de Mestrado em História).

OURIQUES, Helton Ricardo. *A Produção do Turismo: fetichismo e dependência*. Campinas, SP: Alínea, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, 1999, p. 3-15.

PONTES, Anna Maria de Lira. *Memória e conflitos: um estudo sobre a ação pública e o patrimônio histórico-cultural em João Pessoa*. In: http://www.naya.org.ar/turismo/congreso2005/ponencias/Carla_Mary_Oliveira_Anna_Maria_de_Lira_Pontes.htm.

PONTES, A. M. L. ; DIAS, A. ; NOBREGA, L. ; PINHEIRO, L. L. . *O Pensamento Desenvolvimentista da População Brasileira relacionado com as ações do Estado*. In: Anais Encontro Nacional de Turismo com Base Local: Turismo, Inclusão Social e Sustentabilidade. Recife, PE: 2005.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo, SP: Contexto, 2003.

SANT'ANNA, Márcia. A Face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

WWF. *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um turismo sustentável*. Brasília, DF: WWF Brasil, 2003.